

# Brasileiras são maioria em *ranking*

Companhias nacionais somam 39,7% das 500 maiores corporações da América Latina, segundo revista

LUCIANA SAMPAIO

As organizações brasileiras, de diversos segmentos, continuam a ser a maioria entre as 500 maiores empresas da América Latina, listadas no *ranking* da revista chilena "América Economía", com 39,7% de representatividade. Em 2008, elas somaram 212 e, no ano anterior, 211. Além da nacionalidade, elas têm uma outra coisa em comum. Em função da crise mundial, o desempenho total do grupo em vendas, no exercício passado, foi de US\$ 746,8 bilhões, 9,5% menor do que o de 2007, quando foi registrado faturamento de US\$ 825 bilhões. A última queda do gênero ocorreu em 2002.

De acordo com a pesquisa, 2008 foi o ano que colocou um ponto final no mais bem-sucedido período de expansão das grandes corporações latino-americanas. A forte contração do comércio global, a queda do preço das *commodities* e a desvalorização generalizada das moedas locais frente ao dólar provocaram quedas vertiginosas, depois de períodos de máximas históricas para produtos como alumínio, petróleo e celulose.

Uma das empresas que têm operação em Minas Gerais e que consta no *ranking*, na 11ª posição, é a Gerdau. O que coloca essa companhia na listagem? Ela é líder na produção de

aços longos nas Américas e uma das maiores fornecedoras mundiais de desse insumo.

**Gerdau** — Com presença em 14 países e operações também em Minas Gerais, nos municípios de Barão de Cocais (região Central), Divinópolis (Centro-Oeste) e Ouro Branco (Central), onde está localizada a Gerdau Açominas (177ª colocação da lista), a siderúrgica tem uma forma de gestão especialmente construída para o seu modelo de

---

*De acordo com a pesquisa, 2008 foi o ano que colocou um ponto final no mais bem-sucedido período de expansão das grandes corporações latino-americanas*

---

negócio. A Gerdau Aços Longos também foi listada, na 100ª posição.

Como essas, Petrobras, Vale S/A, Fiat Automóveis, Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas) e Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Correios) também estão listadas entre as primeiras 200 do *ranking* que

teve, no seu topo, o setor de petróleo e gás, com 37 organizações incluídas e participação de 26% em 2008, com aumento de vendas de 2,6%.

O comércio contribuiu com 74 empresas, correspondendo a 10% do total. A queda geral do setor foi de 4,7% no ano passado, em comparação com 2007. Telecomunicações vem a seguir, com 37 companhias, participação de 7,9% e recuo de 12,8%, depois de quatro anos de crescimento acelerado. Na quarta posição e também com perda de 5,5%, está siderurgia/metalurgia, com 36 organizações, quatro a menos do que na listagem anterior. A participação do grupo é de 7,4%.

Vale ressaltar que o setor de mineração, na sétima posição entre os segmentos econômicos, depois de quatro anos de crescimento, também fechou 2008 com queda de 14,9% nas vendas na América Latina. A indústria da construção, no 17º lugar, ao contrário, fechou 2008 com incremento de 9,5%, enquanto que a cimenteira, alcançou resultado 17,3% menor. Na 26ª e última posição dos setores e com queda de 30,7% ficaram as indústrias têxtil e calçadista em 2008, ante o exercício anterior.

**Dependência** — O México, segundo colocado no *ranking*, e que foi representado por 134 empresas em 2007, fechou 2008



### Marcelo Neri: a qualidade das MPEs se mede pelos resultados financeiros

com 126 companhias, comprometido pela dependência dos Estados Unidos e queda de 8,9% em vendas. Chile vem a seguir com 60 corporações, cinco a mais do que no exercício anterior e incremento de 3,8% nas operações. Venezuela ficou com a quarta posição, com sete representantes e índice de crescimento de 34,7%. A Argentina,

na quinta colocação, tem 35 empresas listadas mas também teve variação positiva em vendas, de 9,1%.

Neste ano, segundo a pesquisa, os resultados do primeiro trimestre demonstraram que o cenário ainda permanece complicado, devido aos efeitos da crise financeira mundial. Cada movimento do gênero — e esse

não é o primeiro vivenciado pelas companhias do *ranking* — tem reflexos a curto, médio e longo prazos. A situação deve começar a melhorar a partir de 2010, quando será possível retomar o ritmo de crescimento bruscamente interrompido no ano passado pela crise financeira internacional, que se agravou em outubro.

# Minas Gerais é o 16º Estado mais empreendedor do Brasil

Minas Gerais fechou maio como o 16º Estado mais empreendedor do Brasil, com 11,5% da sua população envolvida com a atividade econômica e sétimo em performance nesse tipo de negócio. Já Belo Horizonte, depois de incremento de 2,89% da atividade, no mesmo período, passou a ocupar a oitava posição entre as capitais, com 12,2% dos empresários ativos do país e a sétima em empresários bem-sucedidos.

Do total de organizações mineiras, 74,3% registraram rendimento familiar mensal superior a R\$ 1,115 mil, o que as colocou nas classes A, B e C, entre os gestores chamados bem-sucedidos. Na Capital, esse percentual sobe para 82,6% e na RMBH, a marca é de 73,6%. As empresas da classe D têm renda média entre R\$ 768 e R\$ 1,115 mil e as da E, faturamento mensal de até R\$ 768.

Na liderança do *ranking* de qualidade está Santa Catarina, com 87,3% de empresas nas classes A, B e C de faturamento. Em último lugar está o Piauí, considerado o Estado mais empreendedor do Brasil, com 18,2% da população atuando nessa atividade, mas com apenas 31,9% de empresas inseridas na categoria de maior rendimento. Entre as capitais, a liderança em qualidade dos empreendimentos está com Florianópolis, com 93,8% de microempreendedores bem-sucedidos e, na ponta oposta, Macapá, com 7,9% deles.

Esses são alguns dados da pesquisa coordenada pelo professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri, intitulada "Pagando a promessa do microcrédito", divulgada na última semana. O estudo constatou que, em se tratando de empreendedorismo, nem sempre o número

de micro e pequenas empresas (MPEs) abertas é sinônimo de rentabilidade.

**Resultados** — De acordo com o professor, a qualidade das microempresas se mede pelos resultados financeiros que elas alcançam. Apesar de não estar entre os primeiros do *ranking* da quantidade, Minas Gerais ocupa posição interessante no quesito rentabilidade. Belo Horizonte segue a mesma trajetória, embora ainda exista muito trabalho a ser feito para incrementar a rentabilidade das operações. "Estudamos os 27 Estados, suas capitais e, ainda, as seis maiores periferias. Não basta empreender, é preciso ganhar dinheiro", enfatizou.

No entanto, MPEs ainda esbarram na pouca oferta de crédito pelo sistema financeiro. De acordo com Neri, a rentabilidade desses negócios, em 2008, foi de 42% após a

tomada de um empréstimo. "É um crédito de confiança com todos os cuidados e precauções, mas que gera ganho surpreendente. Não se trata de ajuda mas de oportunidade", afirmou.

E ao que parece, o mercado está começando a compreender isso. Balanço do Banco Central (BC) apontou que a baixa inadimplência registrada nesse setor e a necessidade crescente por recursos têm feito com que as instituições financeiras reformulem suas políticas de crédito. Nos últimos 12 meses, por exemplo, houve um incremento de 45% nas linhas abertas por esse público, ou 38% do total, bem acima dos 27% registrados em 2007. "Eles não podem se dar ao luxo de não pagar os empréstimos contraídos porque isso inviabilizaria o próprio negócio", explicou Neri.

**Evolução** — O gerente da

Unidade de Educação e Empreendedorismo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Minas Gerais (Sebrae Minas), Ricardo Pereira, reafirmou que os microempreendimentos têm evoluído nos últimos anos. À seu favor há a estabilidade econômica e maior oferta de crédito. Entretanto, o mercado está mais exigente, o que exige um cuidado constante com a qualidade da gestão dos negócios.

Há que se considerar, ainda, o aspecto cultural do empreendedorismo, uma prática que se popularizou no Brasil mais como fonte de renda para a sobrevivência básica das famílias do que como negócio propriamente dito. De acordo com Pereira, há pesquisas de mercado que apontam que, para cada duas pessoas que abrem o seu próprio negócio, uma o faz por necessidade. Nos países

desenvolvidos, esse índice é de oito para um.

Da abertura do negócio à condução do dia-a-dia das operações, é imprescindível que os empreendedores procurem informações consistentes sobre a cadeia produtiva do setor em que pretendem atuar e se capacitem tecnicamente. Da mesma forma, planejamento, inovação, competitividade e riscos calculados são palavras que devem fazer parte do cotidiano dos negócios, juntamente com uma rotina de trabalho pesada principalmente nos dois primeiros anos. "As micro e pequenas empresas são 99% do universo empresarial do país e respondem por 57% dos empregos formais. Quem abre o próprio negócio, pensa que vai ficar livre de patrão quando na verdade, deixa de ter apenas um, para ter centenas de clientes", lembrou Pereira. **(LS)**